



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 17 | Nº. 33 | Jul./Dez. de 2025

PRODUÇÃO INTELECTUAL NEGRA: estudos sobre o passado, o presente e novas expectativas de futuro.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, os trabalhos publicados sobre as questões étnico-raciais cresceram substancialmente. Essa produção de conhecimento tem sua história enraizada no movimento negro, que conseguiu aprovar leis fundamentais para o avanço da causa na educação e na produção de ciência no Brasil (GOMES, 2017). Tais profissionais vêm criando e contribuindo para o avanço dos saberes sobre as sociedades e, por outro lado, registrando as ausências, as invisibilidades e desconstruindo os estereótipos criados. Movendo essa produção, encontra-se uma parcela de intelectuais negros/as que age nas mais diversas áreas: História, Geografia, Ciências Sociais, Educação, Literatura, Psicologia, entre outras.

A legislação que envolve tanto as epistemologias negras (como a Lei Nº 10.639 e a Lei Nº 11.645) quanto a que promove cotas no ingresso de pessoas negras como discentes nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio (Lei Nº 12.711-12) e cotas para concursos públicos de docentes no ensino profissional e superior (Lei Nº 12.990/2014) foi fundamental para possibilitar o aumento desses corpos nos espaços acadêmicos.

Tais movimentos são fundamentais para a construção de uma universidade mais inclusiva, democrática e antirracista. Esses indivíduos vêm alimentando uma produção acadêmica (de ensino, pesquisa e extensão) que traz para o centro do debate as temáticas étnico-raciais, fortalecidos pelas bibliografias já existentes e aprofundando-se nas diversas frentes de estudos.

O objetivo desse dossiê é possibilitar o encontro desses diversos trabalhos e pesquisas, evidenciando a potência dos sujeitos negros (homens e mulheres) na produção de conhecimento sobre realidades diversas. Acreditamos na importância de perceber as interseccionalidades que marcam esses corpos, como questões de gênero, sexualidade, raça, classe, território (GONZALEZ, 1981; CRENSHAW, 1989; AKOTIRENE, 2019; SOUZA, 2022). Assim, os artigos aqui dispostos envolvem discussões sobre o Feminismo negro (hooks, 1981; DAVIS, 1981), os estudos contracoloniais (SANTOS, 2023); os estudos da branquitude (CARDOSO, 2008; BENTO, 2022), entre outros.

Nesse sentido, o Dossiê “Intelectuais negros/as na (re)construção das Ciências Humanas e Sociais reuniu artigos que trazem à tona as obras, ideias, trajetórias e/ou experiências de pesquisadores/as negros/as, grupos de pesquisas ou instituições que focam nas relações étnico-raciais, como forma de evidenciar o trabalho que se realiza dentro do espaço acadêmico.

Escrevivências, biografias e escritas de si

A inserção do/a autor/a, parcial e subjetivamente, vem se tornando uma reivindicação fundamental da escrita afrocentrada. A intelectualidade negra evidencia que nenhuma forma de expressão consegue construir-se de forma neutra, ou seja, todas as expressões científicas e não-científicas são atravessadas pelas perspectivas e interesses dos valores pessoais e coletivos desse indivíduo-autor. Essa abordagem entra em embate direto com o discurso que reverencia a imparcialidade e objetividade, escondendo a lógica ocidental (eurocêntrica, heteronormativa, cisgênera, masculina, classista, cristã e ocidental) que se impõe como visão única e verdadeira sobre o mundo, e imposta como universal. (KILOMBA, 2019; RIBEIRO, 2018)

A literatura tem demonstrado sua força e potencialidade de reconstruir imaginários e tematizar realidades não vistas. Trazendo novas perspectivas, desconstruindo

estereótipos, combatendo sistemas de opressão e possibilitando a valorização das experiências, resistências e reinvenções da população negra. Nesse sentido, os artigos que seguem neste dossiê contribuem e aprofundam o assunto: “Maria Firmina dos Reis”, de Maria Julia Silva Marques; “Literatura Negra- Feminina em Maria Firmina dos Reis e o Cânone Literário Brasileiro”, de Ana Paula Herrera de Souza e Delton Aparecido Felipe; “Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Zora Hurston”, de Ana Munção; “Entre o Progresso e a Exclusão”, de Rafaela Barroso Araújo.

As trajetórias de vidas dos/as intelectuais negros/as têm ido além dos movimentos sociais, recebendo a atenção da academia, da mídia e do público em geral. Tais produções têm trazido contribuições valiosas para os múltiplos campos de saber, reconstruindo a história do Brasil, alterando a forma de ver e fazer educação e pesquisa. Nesse sentido, os artigos deste dossiê desdobram formas práticas de se fazer esse percurso: “Rabiscos de uma vida”, de Jonatas Roque Ribeiro e Wellington Carlos Gonçalves.

As relações étnico-raciais, os debates sobre gênero e as interseccionalidades têm criado campo fértil de produção interdisciplinar, contribuindo para o avanço das várias ciências e reposicionando as epistemologias negras, trazendo-as para o centro das discussões. Não é mais aceitável construir currículos, seja de ensino básico ou superior, ou fazer pesquisa que não leve em consideração essa parcela da população e suas produções. As intelectualidades negras vieram para as universidades com seus corpos e saberes e não será mais possível deter esse avanço.

Relatos de experiências, cursos e projetos

Assim como não é mais possível pensar as universidades e a produção do conhecimento sem a intelectualidade negra, tampouco, podemos fazê-la sem considerarmos que a construção do conhecimento vai além das paredes da sala de aula e da formação teórica. Ela se faz na prática acadêmica e social. É desse fazer prático que nasce este dossiê no qual a pessoa leitora encontrará artigos que se debruçaram sobre as experiências e práticas de intelectuais negros e negras em diversas regiões do Brasil e que refletem sobre a relevância dessas ações para a (re)construção das ciências humanas e sociais.

Para Lélia Gonzalez (2020), a experiência vivida não se configura como um saber menor ou meramente subjetivo, mas como uma forma de interpretação do mundo

profundamente conectada às estruturas de poder, às opressões de raça, gênero e classe e às formas de resistência construídas no cotidiano. Ao valorizar a oralidade, a memória, o corpo e a linguagem como espaços de produção de sentido, seu pensamento amplia as possibilidades epistemológicas das Ciências Humanas e legitima narrativas historicamente silenciadas.

Os relatos de experiência constituem importantes instrumentos de análise histórica ao possibilitarem a problematização das práticas, das temporalidades e das relações sociais vivenciadas no presente. Nesse ínterim, o artigo “Reescrevendo presenças”, de Raquel De Jesus Araujo, Ana Cleide da Silva Patriolino, Francisco Michael de Sousa e Igor Alves Moreira, por meio da análise da oficina “mulheres negras na história” trabalha a necessidade do enfrentamento ao racismo e como o feminismo negro pode contribuir para isso. Ainda sobre a potência epistemológica do feminismo negro temos o artigo “As mulheres negras no processo de descolonização do marxismo e do serviço social brasileiro”, de Jacqueline Tatiane da Silva Guimarães, no qual a autora discorre sobre o protagonismo de mulheres negras no enegrecimento do serviço social e do marxismo como forma de questionar os conhecimentos eurocentrados que ainda tem lugar de destaque nas ciências humanas.

A produção de conhecimento pela intelectualidade negra passa pela solidariedade, que possibilita que esse grupo se articule na luta por seus interesses em comum, criando assim uma rede de solidariedade capaz de transformar as realidades sociais vividas pela comunidade negra em todo o mundo (Davis, 2018). No artigo “Ser mulher, ser território próprio”, escrito por Karla de Paula Carvalho e Paula Gonzaga, as autoras apresentam as ações de um grupo coletivo de mulheres de Belo Horizonte que atuam de forma colaborativa no enfrentamento das violências de gênero institucionais.

Ao sistematizar os conhecimentos adquiridos com a experiência em cursos, oficinas e projetos de extensão é possível compreendermos a sociedade a partir de uma perspectiva situada, que reconhece os sujeitos como produtores de conhecimento. Para Donna Haraway (1995) a ideia de ciência neutra não é sustentável, já que todo conhecimento produzido é situado em corpos que lidam com vários marcadores sociais, como gênero, raça, classe, idade, etnia entre outros. Portanto, entendemos que localizar esses corpos e sua produção é crucial para a produção do conhecimento mais responsável e que valorize a diversidade social.

Diante das reflexões de Haraway (1995), atualmente é impossível fechar os olhos para as novas tecnologias e o lugar que elas ocupam na sociedade e na produção do

conhecimento. Atualmente um dos grandes desafios do saber científico é torná-lo acessível para a comunidade na qual sua produção está inserida. Tendo em vista esse cenário, tem sido cada vez mais necessário que as ciências humanas consigam utilizar as novas tecnologias para a difusão de sua produção. Assim, ocupar redes sociais e demais plataformas de veiculação de informação tem sido cada vez mais urgente.

Nesse sentido, o artigo “Estudos raciais do podcasting”, escrito por Vitor Hugo de Oliveira-Lopes, propõe-se a pensar marcadores sonoros para a produção de podcasts a partir de uma perspectiva étnico-racial e situada. Seguindo neste escopo, o artigo “O Grupo de Estudos sobre Intelectualidades Pretas (2018-2019) e o curso de Inclusão Digital (2024-2025) como exemplos de ação afirmativa na Universidade Federal de Ouro Preto”, de Floriza Beatriz de Sena Paula, analisa a experiência do Grupo de Estudos sobre Intelectualidades Pretas e um Curso de Inclusão Digital, ambos realizados na Universidade Federal de Ouro Preto como espaços de formação e permanência universitária.

Neste dossiê, buscamos valorizar a produção de intelectuais negros e negras sobre experiências afrocentradas, por entendermos que ao sistematizar práticas desenvolvidas em contextos educacionais, comunitários, culturais e políticos, esses relatos evidenciam não apenas ações e resultados, mas também processos de enfrentamento, estratégias de sobrevivência e formas de organização coletiva que desafiam as hierarquias do saber (Quijano, 2005).

Educação, interseccionalidades e relações étnico-raciais

Por muito tempo a escola negou o debate sobre as relações étnico-raciais, como se esse tema não pertencesse aos professores dessa instituição (GOMES, 2005). Cada vez mais temos visto a presença desse debate em diversos espaços e, atualmente, tem se feito presentes nas Universidades e nas escolas de educação básica, exigindo dos professores/as uma maior atenção em relação ao tema.

No presente Dossiê temos o tema da relação étnico-racial sendo tratado e com um olhar sensível para o campo da educação. Trata de forma diversa trazendo experiências pessoais e também com o trabalho envolvendo jovens e adultos. Precisamos avançar sobre essa temática e fazer ela cada vez mais presente dentro das escolas e do ambiente universitário, pois abordar a questão racial é tema urgente em nossa sociedade, através dele podemos sensibilizar jovens estudantes dos mais diversos níveis sobre um tema

sensível na sociedade brasileira e que ainda é tratado como secundário por alguns profissionais da educação.

Sobre essa temática temos especificamente dois artigos: “Professora, a senhora tem um quê de teatral”, de Gabriel da Silva Antunes e “A Educação de Jovens e Adultos”, de Joilson Batista de São Pedro e Silvar Ferreira Ribeiro. No primeiro trabalho temos uma abordagem interessante sobre a docência no ensino superior, tendo como foco professoras negras da Unilab e a própria experiência da autora. Nessa pesquisa, o corpo e a estética das professoras são pontos relevantes para o debate proposto e mostra a influência de mulheres negras na universidade e na formação de professores/as. No segundo trabalho temos os autores tratando sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e como essa modalidade de ensino carece de políticas públicas para seu desenvolvimento. Nessa abordagem os autores tratam da temática articulando a temática da educação com o conceito de interseccionalidade, trazendo uma abordagem singular para o tema proposto e com um olhar direcionado para classe, raça, gênero e território.

Outro ponto de destaque nesse Dossiê é a interseccionalidade, que em alguns artigos aparece como conceito chave de análise e toma forma dando aos trabalhos aspectos que tratam dos temas de forma articulada com a discussão de classe, raça e gênero. “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p. 19) e nessa perspectiva os trabalhos aqui apresentados dialogam com essa abordagem que coloca as mulheres negras no centro do debate, levando em consideração seus marcadores sociais e suas influências na estrutura social analisada.

Sobre interseccionalidade e relações étnico-raciais temos dois artigos principais: “Interseccionalidade como criação do feminismo negro”, de Joaquim Agostinho de Santiago Neto e “Pesquisadora Negras”, de Duana Eduarda Elias da Silva, Wellington Benevides dos Santos e Marivânia Conceição de Araújo. Os dois artigos tratam do protagonismo de mulheres negras e suas ações em diversos campos de atuação, destacamos o segundo trabalho por tratar de identidade e resistência na produção acadêmica, relação que aproximam os dois trabalhos pois ambos colocam as mulheres negras nesse lugar de protagonistas de sua caminhada e nas ações de resistência diante das estruturas de classe, raça e gênero.

Epistemologias negras

Por epistemologias negras entendemos um conjunto de saberes, práticas e teorias formuladas pelos/as intelectuais negros/as posicionados/as na luta contra o racismo, sexismo, homofobia, transfobia, e demais formas de opressão. No ensaio “Intelectuais negras”, bell hooks explica que “intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo.” (hooks, 2018, p.240).

Nesse sentido, os artigos “Epistemologias insurgentes: reescrevendo o cânone a partir de vozes negras”, de Juliana Mota Diniz, “Intelectualidades negras”, de Eduardo Cristiano Hass da Silva; Lucas Costa Grimaldi e Carolina de Freitas Correa Siqueira; e “Pretagonismo epistêmico”, de Andrielle Antonia dos Santos de Jesus, nos levam a refletir sobre a tradição radical das epistemologias negras. Como nos ensinou Angela Davis (2017), radical significa compreender o problema da raiz. Assim, a produção intelectual negra caracteriza-se por ser uma ação orientada para a transformação da realidade histórica.

Para além da radicalidade, é fundamental compreender que ao falarmos em epistemologias negras, estamos nos referindo a um conjunto de saberes, práticas e teorias, produzidos por sujeitos posicionados nas margens da ordem colonial (KILOMBA, 2019). Em outras palavras, teorizamos a partir de um locus social, historicamente invalidado pela academia racista. Assim, os artigos “Cabe um quilombo na historiografia?” de João Pedro Rodrigues de Oliveira e “A quilombagem como ruptura epistêmica”, de Wanessa Horrana Francisca da Silva, buscam refletir sobre a problemática em torno do racismo epistêmico.

Por fim, é importante destacar que as epistemologias negras podem se configurar em espaços de cura (hooks, 2017). Assim, entendemos os saberes, práticas e teorias formulados pelos sujeitos negros/as, posicionados na margem da ordem colonial, como oferendas curativas. Em síntese, estamos falando de um lugar de radicalidade, mas também de afeto e amor.

Racismo no Brasil e na diáspora

A discussão sobre racismo no Brasil e no mundo é parte importante das discussões que fundamentam a reparação histórica e justificam a ausência sistemática das temáticas negras (bem como indígenas e quilombolas) nos currículos, nas pesquisas acadêmicas e na agência governamental. Nesse sentido, diversos estudos se

desdobraram nas ciências humanas e sociais evidenciando o quanto é fundamental mapear e compreender as formas como o racismo acontece, seja em suas formas institucionalizadas (CARNEIRO, 2023), recreativas (MOREIRA, 2019), religiosas (NOGUEIRA, 2020), linguísticas (NASCIMENTO, 2019), estruturais e científicas (RAMOS, 2023).

A produção intelectual sobre o racismo permeia o século XIX e XX, com produções de pessoas negras abolicionistas e ativistas no pós-abolição. As décadas de 1970 e 1980 foram intensas em denunciar como o Estado agiu diretamente para implementar formas de marginalização espacial, econômica, social e cultural pautadas na raça. Muitos desses estudos ficaram esquecidos pela academia, deixando de figurar nos currículos ou de transitar pelas bibliografias dos artigos. Em um contra movimento, evidenciando aqueles/as pesquisadores/as que vieram antes, foram reorganizados e republicados recentemente diversos estudos, como os de Abdias do Nascimento, Alberto Guerreiro Ramos, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, bell hooks, Angela Davis, William Edward Du Bois, Frantz Fanon, Aimé Césaire, Oyèrónké Oyěwùmí, entre diversos outros.

Este dossiê se compromete também com a temática do racismo traz artigos que nos oferecem caminhos para sua compreensão no Brasil e na diáspora negra, como o texto “Racismo Estrutural Ou Institucional?”, de Edson Nunes Junior, e “Além Do Cometa: A Supremacia Branca pensada através do desastre”, de Davi Barbosa, Hiasmim Silva e Débora Cristina de Araujo. Tais produções dão visibilidade para formulações afrocentradas do fenômeno, refazendo as conexões entre ideias de intelectuais negros de destaque, trazendo a atualidade dos debates.

Acreditamos que o reconhecimento do racismo e suas diversas formas de manifestação devem ser estudados, mas não devem servir para enfraquecer ou desmobilizar pessoas negras em seus diversos espaços de ação. É necessário que seja base para políticas públicas de inclusão dos corpos e saberes, para promoção de atividades antirracistas e valorização das histórias e culturas negras (bem como indígenas e quilombolas). Nosso compromisso é com a construção de um país diverso, democrático, inclusivo e próspero. Rechaçando todo tipo de desigualdade, preconceito e discriminação.

Considerações finais

Esse dossiê reforça as lutas dos movimentos sociais, fortalece a implementação da Lei n. 10.639/03 e enfatiza a importância dos corpos negros nas universidades. A intelectualidade negra complexifica as discussões epistemológicas, as práticas educativas, os temas, abordagens e metodologias da pesquisa acadêmica. Tais produções atravessam várias áreas de conhecimento, convidando para o debate interdisciplinar. Nesse movimento, as ciências humanas e sociais ganham muito e podem aprofundar diálogos em redes multidisciplinares.

Como é possível perceber na entrevista concedida por Ynaê Lopes, o conhecimento ampliado das discussões étnico-raciais tem passado, presente e expectativas de futuro. Tem história e agenda. A intelectualidade negra que ocupa as universidades se compromete com um projeto que não foca na “erudição pela erudição”, mas na promoção de saberes que movem, que fortalecem e que almejam reparação histórica. Esses pesquisadores fagocitam as ideias hegemônicas e reivindicam cosmovisões que ultrapassam as ideias que sustentam o capitalismo neoliberal, projetando-se para construção de formas alternativas de vida, que envolvem a construção de um mundo transformado, comunitário e engajado em práticas libertadoras.

As mulheres negras tem se destacado, demarcando as tensões de gênero e interseccionais, movimentando o feminismo negro nas Américas e propondo ações para um futuro mais integrado. Suas ações são engajadas (no ensino, pesquisa e extensão), alimentando “espaços seguros” e projetando bases para o “bem-viver” (COLLINS, 2019). São partícipes atuantes e propositivas de construção de projetos, cursos, oficinas e eventos que rompem com a lógica neoliberal e individualista. Por fim, é fundamental compreender que o papel dos/as intelectuais negros/as na (re)construção das ciências humanas e sociais, passa invariavelmente, pela necessidade da (re)fundação das universidades brasileiras (CARVALHO, 2019).

Neste dossiê, os/as leitores/as encontrarão textos sobre relatos de experiência, cursos, oficinas e projetos de extensão que abordam a produção do conhecimento em todo o Brasil. Os relatos de experiência ocupam um lugar fundamental nas ciências humanas quando compreendidos a partir das contribuições do feminismo negro, especialmente do pensamento de Lélia Gonzalez (2020). Ao defender a centralidade das vivências de mulheres negras como fonte legítima de conhecimento, Gonzalez tensiona os limites do saber acadêmico tradicional, historicamente marcado por perspectivas eurocêntricas, masculinas e brancas. Dessa maneira, os relatos de experiência surgem

como instrumentos críticos capazes de revelar dimensões da realidade social frequentemente invisibilizadas.

Assim, ao incorporar os relatos de experiência como produções acadêmicas relevantes, as ciências humanas reafirmam o compromisso com uma epistemologia crítica e plural. Trata-se de reconhecer que a experiência, especialmente aquela atravessada pelo racismo e pelo sexismo, não apenas informa a análise social, mas a transforma, contribuindo para a construção de conhecimentos comprometidos com a justiça social, a diversidade e a democratização do saber.

A Educação, interseccionalidade e a produção de conhecimento são outros temas que são tratados neste dossiê e que o leitor/a poderá saborear ao longo da leitura. Temas importantes e que estão na ordem do dia. Esperamos que todos possam aproveitar os artigos aqui reunidos e que possam compreender os caminhos escolhidos e as contribuições deixadas por cada um desses estudos, pois são trabalhos que rompem com a lógica brancocêntrica e colonial e deixam também uma contribuição afetiva com sua produção.

Além dos artigos que constituem o dossiê *Intelectuais Negros/as na reconstrução das Ciências Humanas e Sociais*, essa edição também conta com textos da sessão tema livre e duas entrevistas: uma, com Ynaê Lopes, realizada pelos organizadores/as do dossiê e a outra, com Kabengele Munanga, realizada por Túlio Henrique Pereira. Desejamos a todos uma ótima leitura.

Marcelle Carvalho - UVA
marcelle_carvalho@uvanet.br

Raquel Lopes da Silva - UFSC
raquells3007@gmail.com

Janilson Rodrigues Lima - UVA
janilson_rodrigues@uvanet.br

Felipe Alves de Oliveira - UFCat
felipe.oliveira@ufcat.edu.br

Referências bibliográficas:

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BENTO, Cida. Pacto da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012.
- BRASIL. Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014. Reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jun. 2014.
- CARDOSO, Lourenço. O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957- 2007). (Dissertação de mestrado), Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008.
- CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- . Escritos de uma vida. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.
- CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum, n. 1, p. 139-167, 1989.
- DAVIS, Angela. Women, Race & Class. New York: Random House, 1981.
- DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política . 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- . Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

------. Solidariedades transnacionais. In: DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. São Paulo: Boitempo, 2018.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (ORG). Superando o racismo na escola. Ministério da Educação. 2ª Ed. Brasília, 2005.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel (org.) Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1981.

------. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 19 dez. 2025.

HOOKS, bell. Mulheres pretas Intelectuais. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018. (Coleção Pensamento Preto: epistemologias do renascimento africano, 1).

HOOKS, bell. Ain't I a Woman? Black Women and Feminism. Boston: South End Press, 1981.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Gabriel. Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância Religiosa. São Paulo: Pólen Livros (Coleção Feminismos Plurais, sob coordenação de Djamila Ribeiro), 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAMOS, Guerreiro. Negro sou: A questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-73). Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2023.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo. A terra dá, a terra quer. São Paulo: UBU, 2023.

SOUZA, Dediane. "Dando o nome": Eu e Dandara na construção de narrativas de humanidades de travestis em Fortaleza-CE a partir de um recorte do Jornal O Povo. Orientador: Kleyton Rattes. 2022. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.